

## Seminário Permanente Comunicação e Diversidade

21 de Fevereiro de 2017 – 14h30m

### Ilha de Moçambique: onde a diversidade constrói a identidade



“ Ilha onde os cães não ladram e onde as crianças brincam  
No meio da rua como peregrinos  
Dum mundo mais aberto e cristalino.”

Alberto de Lacerda

#### Apresentação do tema

Pode parecer ambicioso tomar uma pequena ilha – com, aproximadamente, três quilómetros de comprimento e quinhentos metros de largura - como exemplo das possibilidades que se colocam à construção de uma identidade intercultural. Porém, tal como postulava Lobato (1996, p. 11), “(...) a ilha tem uma história tão rica e tão variada quanto ela é, em si mesma, pequena e desprovida dos recursos necessários à vida”. Com efeito, a Ilha de Moçambique foi, desde cedo, um lugar de encontro e de confronto de etnias, culturas e religiões, uma vez que ali confluíram os povos bantu, árabe e swahili muito antes da chegada da armada de Vasco da Gama, em 1498. As navegações no Índico, que permitiram as migrações de asiáticos, sobretudo indianos, de várias etnias e religiões rumo à costa oriental africana, bem como o facto de a administração colonial portuguesa se ter sediado na Ilha até ao final do século XIX, vieram complexificar ainda mais o mosaico interétnico, intercultural e inter-religioso que há muito aí se desenhava. Sobre esta realidade singular, afirmava Hespanha (1996, p. 5): “(...) a Ilha de Moçambique pode valer como uma polifonia do humano. É, nesse sentido, uma síntese compactada da diversidade”.

As gentes que a habitam também não são alheias à sua própria condição intercultural, já que uma canção popular macua<sup>i</sup> sobre *Omuhipiti*<sup>ii</sup> começa precisamente da seguinte forma: “De longe, esta ilha parece pequena / Esta ilha é grande. / Tem longa história desde os habitantes aos seus monumentos / Não nos é possível contar-vos tudo quanto temos / (...)”<sup>iii</sup>.

É neste caldeirão de muitos temperos que hoje se cozinha a identidade local da Ilha de Moçambique: numa mistura de cores e de credos, de tradições e de vivências próprias da modernidade, de herança colonial e de afirmação pós-colonial. E é também deste modo que um lugar tão exíguo, sobre o qual poderia haver pouco a dizer, se configura também como um lugar tão original que se vale a si mesmo como Património Mundial da Humanidade<sup>iv</sup>.

A Ilha de Moçambique enquanto microcosmos intercultural será o tema da próxima sessão do Seminário Permanente Comunicação e Diversidade.

### **Apresentação da animadora**

Lurdes Macedo é doutorada em Ciências da Comunicação, na especialidade de Comunicação Intercultural, pela Universidade do Minho. É membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, aí realizando desde Junho de 2015 a sua investigação de pós-doutoramento. É também professora auxiliar da Universidade Lusófona do Porto. Durante o ano de 2016, passou sete meses em Moçambique, no âmbito dos seus estudos pós-doutorais.

### **Leituras recomendadas**

Seleção de textos extraídos da obra *A Ilha de Moçambique pela voz dos poetas*, uma compilação de Nelson Saúte e António Sopa, editada em Lisboa, pelas Edições 70, em 1992, para o Comissário-Geral de Moçambique na Exposição Universal de Sevilha.

### **Bibliografia utilizada**

Hespanha, A. M. (1996). Editorial. *Oceanos*, nº 25, Janeiro/Março de 1996. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 5.

Lobato, M. (1996). A Ilha de Moçambique antes de 1800. *Oceanos*, nº 25, Janeiro/Março de 1996. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 10-16

---

<sup>i</sup> A cultura macua é a cultura predominante no Litoral Norte de Moçambique.

<sup>ii</sup> *Omuhipiti* significa Ilha de Moçambique na língua emakhua, falada na região.

<sup>iii</sup> Adaptação livre de Nelson Saúte e António Sopa, a partir do original em língua emakhua.

<sup>iv</sup> A Ilha de Moçambique foi elevada a Património Mundial da Humanidade pela UNESCO, em 1991.